

# Em quase silêncio

**A INSTALAÇÃO DE ARMANDA DUARTE** (Lisboa, 1961) distribui-se por três divisões de um último andar doméstico, na galeria Plataforma Revólver. 60 m<sup>3</sup> é o título da instalação que ocupa uma sala: um outro quarto desse mesmo andar é reproduzido num volume, desenhado a fio branco e a fio transparente. Os limites da divisão vêm suspensos do tecto e desaparecem a uns centímetros do piso – a cor do fio mescla-se com a do chão, tendo o desenho que ser adivinhado nas partes em que a linha contrasta com a cor das paredes. O “enredo” entre o desenho, a(s) linha(s) e uma acção (desfazer, acumular, desenhar,...) ou, do emaranhado das linhas fronteiriças entre o desenho e a escultura, é condição recorrente no trabalho desta artista que expõe desde os anos 80. Peças anteriores como *Grande coração de canela*, 1997, 1999, 2004, ou *Action line*, 1999, 2000, 2002, partilham deste mesmo triângulo, que dependendo de um determinado tempo e espaço, propõe momentâneas leituras de um delicado discurso, ou melhor, de um delicado murmúrio. É em quase silêncio que imaginamos o desenrolar da performance, inerente a uma das obras na presente exposição, que convoca diariamente uma pessoa (vigilante) para verificação e manutenção da peça *uma bata e uma combinação*. À entrada da exposição, numa prateleira, é-nos oferecida a peça *os vigilantes*: cinco desenhos, impressões que se apresentam enquanto testemunhos dos cinco assistentes convidados – a congregação do outro no processo celebra a convivência de uma linha de pensamento e de acção colectiva. É na sala que contém a divisão-desenho que esta lógica de vivência/memória regressa e se afirma como motor de uma prática que eleva a fragilidade, a discrição e o sussurro a meios de uma incisiva percepção sensorial +

**Armada Duarte**  
“uma combinação”  
Plataforma Revólver  
Lisboa  
Até 3 Maio

por **MARIA DO MAR FAZENDA**

